

## A VIDA QUE PULSA EM CIDADES E RIOS DA AMAZÔNIA

**Joristela de Souza Queiroz**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
Manaus- Amazonas

**José Aldemir de Oliveira**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
Manaus- Amazonas

**Rita Maria dos Santos Puga Barbosa**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas  
Manaus- Amazonas

**Jaiandra Maína Queiroz Furtado**

Universidade Federal do Roraima  
Boa Vista - Roraima

**Jeissy Adiene Queiroz Santana**

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de  
Educação, Agricultura e Ambiente  
Humaitá - Amazonas

Amazônia. Ideias como a Terra do El dourado, Jardim do Éden, Pulmão do Mundo, entre outras místicas, ligadas às questões regionalizadas e ruralistas. Os referenciais confundem a ideia de urbanização da região, aumentando o paradoxo de entendimento do que foi, é ou está se construindo. Entender a realidade pressupõe ultrapassar preconceitos, interpretar por várias áreas do conhecimento, pois as diferentes cidades na região Amazônica não são só natureza, elas são socialmente produzidas no tempo e no espaço, são realidades concretas, produzidas por relações sociais, determinadas historicamente por gente que faz e se refaz a cada instante vivido, nos lugares onde os portos das beiras dos rios interligam a cidade e a floresta

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade; Amazônia; urbano; rural

**RESUMO:** O artigo tem por finalidade apresentar algumas ideias sobre a importância dos rios como referência identitária em cidades da Amazônia, a partir de estudos bibliográficos e documentais, apresentados na disciplina A cidade e o urbano na Amazônia do curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, ofertado pela Universidade Federal do Amazonas. Durante muito tempo e presente até os dias atuais, fomos sendo “enxertados” de metáforas tipicamente engrandecedoras e ilusionistas a respeito da descrição da

### THE LIFE THAT PULSES IN CITIES AND RIVERS OF THE AMAZON

**ABSTRACT:** This article aims to present some ideas about the importance of rivers as an identity reference in Amazonian cities, based on bibliographical and documentary studies, presented in the subject The city and the urban in Amazonia of the PhD course in Society and Culture in Amazon, offered by the Federal University of Amazonas. For a long time and present to the present day, we have been



“grafted” from typically engraving and illusionist metaphors about the description of the Amazon. Ideas such as the Land of the Golden El, Garden of Eden, Lung of the World, among other mystics, linked to regional and rural issues. The references confuse the idea of urbanization of the region, increasing the paradox of understanding of what was, is or is being constructed. Understanding reality presupposes overcoming prejudices, interpreting for various areas of knowledge, because the different cities in the Amazon region are not only nature, they are socially produced in time and space, they are concrete realities, produced by social relations, historically determined by people who makes and restores every moment lived, in places where the ports of the rivers’ rivers interconnect the city and

**KEYWORDS:** city; Amazônia; urban; rural

## 1 | INTRODUÇÃO

Pensar na Amazônia sob a ótica reducionista remete à mente a imagem da “floresta grandiosa e encantada”, onde os rios quase oceânicos escondem em suas profundidades todo o mistério mitológico que distancia a realidade da vida dos que ali vivem.

Ultrapassar esta visão, pressupõe compreender o processo e dinâmica de urbanização da Região Amazônica na perspectiva de preservá-la como local no qual a sociedade e a natureza interagem harmonicamente.

Iniciaremos nossas discussões apresentando a conceituação de cidade e urbano, dialogando com as observações apresentados por Sandra Lencione (2008), Henri Lefébvre (1991) e Monte-Mór (2006).

Em consonância ainda em Lefébvre (1991), o diálogo sobre o entendimento de que a floresta é um espaço socialmente produzido e possui múltiplas dimensões, que estão para além das representações simbólico-culturais, mas possuidora de valores e saberes particulares que a tornam parte da vida urbana.

Nortearmos nossas reflexões sobre o desenvolvimento da Amazônia, com base em alguns estudos feitos nas pesquisas lançadas no livro de Bertha Becker (2013) *A Urbe Amazônia: a floresta e a cidade*, que a princípio, revela que a região ficou à margem do Estado Brasileiro, passando por curtos períodos de crescimento, seguidos de longos intervalos de estagnação.

De forma breve apresentamos algumas discussões a respeito do paradoxo da atual urbanização da Amazônia, na perspectiva de John O. Browder e Brian J. Godfrey em sua obra *Cidades da Floresta: Urbanização, Desenvolvimento, e Globalização na Amazônia Brasileira*.

As dimensões dos espaços vividos na Amazônia serão contextualizadas na obra de José Aldemir de Oliveira (2000), *Cidades na Selva*, e sob o olhar etnográfico de experiências e vivências no contexto amazônico.

Mais do que um elenco de intenções esperamos poder contribuir com elementos que possam subsidiar novas reflexões e, assim fomentar novos caminhos que apontem para uma maior compreensão desta rica e complexa vida nas cidades amazônicas.



## 2 | CONCEITUANDO CIDADE E URBANO

Os esforços empreendidos neste estudo foram também o de conhecer em que moldes, os diferentes autores, apresentam o processo de urbanização da Amazônia, mas para isso, convém apresentar inicialmente, o conceito de “cidade” e “urbano” tendo como referência à realidade brasileira, observada por Lencione (2008), em que enfatiza a necessidade em dividir partes da totalidade para iniciação de análise e elaboração de sínteses mais aprimoradas.

É importante lembrar que os conceitos são apenas referências para nortear a análise e compreensão da essência do objeto de estudo, das leis, dos fenômenos, enfim, são instrumentos que dão suporte para construção, transformação ou aprimoramento dos conhecimentos.

A autora apresenta algumas observações a respeito dos conceitos: a) os conceitos são exercício do pensamento sobre o real, que existe independente do pensamento sobre ele ou sobre o objeto real; b) eles são apenas uma forma de refletir sobre o objeto; c) são simultaneamente, objetivos e subjetivos; d) não há identidade entre o conceito e o real ao qual ele se refere; e) existem em movimento; f) não existe sem uma definição g) exige nexos com relação a outros conceitos.

Dito isto, é preciso que fique claro que a palavra pode ter diferentes significados, no entanto, o conceito em tese, não. Como significados gramaticais e etimológicos os termos cidade e urbano, sugerem diferentes conceituações, dependendo do contexto em que as mesmas estão configuradas, mas aqui, no estudo, trataremos o termo *cidade* voltado para a realidade concreta, como aglomeração, como forma, dimensão e estrutura e o termo *urbano* como algo subjetivo ligado ao modo de ser que caracteriza uma sociedade em transformação.

Definir cidade não é tão fácil assim, visto que o termo foi utilizado historicamente, com caracterizações específicas para cada momento. Para Lencione (2008), cidade:

[...] não importando sua dimensão ou característica, é um produto social que se insere no âmbito da “relação do homem com o meio” – referente mais clássico da geografia. Isso não significa dizer, todavia, que estabelecida essa relação tenhamos cidades. Não importando as variações entre cidades, quer espaciais ou temporais há uma idéia comum a todas elas, que é a de aglomeração. (p. 115)

Pensar em cidade como objeto direciona à várias ideias formuladas no arcabouço histórico em que ela foi se constituindo, geralmente voltada para algo concreto, não importando a dimensão ou característica, trata-se de um “produto social” inserido na relação estabelecida entre o homem e o meio em que está inserido, daí advêm os termos associados às ideias de aglomeração e de sedentarismo. “O fato da aglomeração sedentária conter população voltada para as atividades do campo não compromete o sentido da cidade que pode estar presente no aglomerado” (LENCIONE, 2008, p.116), assim as cidades são produtos de determinações sociais dentro de uma perspectiva histórica.



Poderíamos chegar às diferentes reformulações, mas especificamente, falando da cidade no Brasil a questão da aglomeração está caracterizada pela presença de mercado, onde existe administração pública que regulariza o sistema de troca. De acordo com Monte-Mór (2007, p. 19) “[...] legalmente as cidades são definidas por seus espaços, seus perímetros urbanos municipais e territoriais”.

A ideia de “urbano” apontada por Lencione (2008) é de que trata-se de um fenômeno. Lefebvre (1999) relaciona este conceito à ideia de sociedade capitalista industrial, no entanto, é preciso desvendar os detalhes desta relação histórica entre o “urbano e o capital”, pois no Brasil o urbano precisa ser entendido, a partir dos marcos históricos.

Para Monte-Mór (2007, p.14) “O urbano é uma síntese da antiga dicotomia cidade–campo, um terceiro elemento na oposição dialética cidade–campo, a manifestação material e socioespacial da sociedade urbano-industrial contemporânea, estendida, virtualmente, por todo o espaço social”.

O mesmo autor afirma ainda que há um rito de passagem da cidade ao urbano que foi marcado pelo crescimento da indústria onde a produção ganhou destaque e o proletariado passou a ocupar espaço também de poder, porém subordinado à lógica do capital da indústria.

### 3 | BERTHA BECKER E SEU OLHAR SOBRE A CIDADE E OS SURTOS DE DESENVOLVIMENTO

Oras, visto sob esta perspectiva não poderíamos deixar de apontar em nossos escritos, mesmo que de forma despretensiosa uma breve análise feita por Bertha Becker (2013) em sua obra *A urbe amazônida: a floresta e a cidade*, onde a autora faz abordagens a respeito da origem das cidades amazônicas à luz das teorias de Jane Jacobs e na metodologia de Peter Taylor, onde as cidades identificam-se como indústrias motoras de crescimento econômico, enfatizando que a história remonta fatos em que a Amazônia ficou à margem do Estado e dependendo das demandas das grandes metrópoles e de países estrangeiros, até talvez, por sua ocupação europeia ser tardia em relação às outras regiões do Brasil.

Por conta desta dependência foram poucos os momentos identificados como áureos de crescimento, no entanto, seguidos por longos anos de estagnação e letargia, o que não ocorreu em outros estados do Sudeste, por exemplo. A autora destaca que:

Direcionadas pelo mercado externo, as urbes amazônicas cresceram devido ao comércio de importações praticamente sem substituição, justamente o trabalho novo capaz de dinamizar as cidades e a economia. Pois que o verdadeiro trabalho novo, capaz de direcionar o mercado não estava localizado nessas urbes, mas sim nas cidades que comandavam a economia, remetendo às relações entre as cidades. (BECKER, 2013, p. 38)



Com isso, emergiram novas divisões de trabalho, mas sem aumento igualitário de distribuição de riqueza. Inicialmente, apenas índios escravizados e alguns negros também escravizados, que aviltados e castigados, promoveram intensas rebeliões. “Não houve, pois condições nem de acessibilidade e, nem de recursos econômicos e políticos para que as cidades pudessem se consolidar e crescer, e muito menos para que organizassem estruturas regionais.” (BECKER, 2013, p.11)

Com diferentes conflitos e o êxodo como mote, surge então, a mão de obra nordestina como sustentáculo dos surtos nos ciclos da borracha, castanha, criação de gado etc. A descontinuidade e a falta de dinamismo, contribuíram para o não desenvolvimento da região.

As dificuldades enfrentadas pelos núcleos urbanos na região permanecem nos dias de hoje, o que não dá para entender uma vez que os núcleos urbanos foram centrais no processo de colonização da Amazônia.

Dito isto avancemos em algumas reflexões acerca do contexto das cidades amazônicas.

#### **4 | O FENÔMENO URBANO DA AMAZÔNIA E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES**

Compreender o processo de urbanidade na Amazônia tem sido a tônica de muitas pesquisas e embates teóricos, a complexidade da vida urbana remete a diferentes entendimentos, por hora apontamos alguns descritos por Trindade Júnior (2013) em um trabalho publicado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), onde ele apresenta algumas teses defendidas por alguns autores:

- a. Becker (2004) defende a tese de “Selva Urbanizada” afirmando que trata-se de um fenômeno que está diretamente ligado à expansão da fronteira econômica, que já nasce urbana.
- b. Browder & Godfrey (1997) entendem como “Urbanização polimorfa e desarticulada” e assim, existem diferentes formas de interação socioespaciais e de formações microssociais híbridas como elementos marcantes da urbanização regional.
- c. Hurtienne (2001) argumenta a tese de “Urbanização estatisticamente des-criteriosa” onde existe um patamar de cerca de 20.000 habitantes para definição do rural e do urbano na Amazônia.
- d. Machado (2000) acredita na “Tendência à ruralização” onde os municípios de formação recente tendenciam em predominância à ruralidade.
- e. Monte-Mór (2004) em sua tese enfatiza que há uma “Urbanização extensiva” para além das cidades, por meio dos valores e modos de vida
- f. Oliveira (2000) diz que há “Difusão da sociedade urbana” no modo de vida urbano, mas não do domínio da cidade na paisagem.



Como se pode observar nos argumentos das teses referenciadas, há posicionamentos divergentes quanto à questão da urbanização da Amazônia. Por certo, temos que a Amazônia possui grande diversidade, ela é por excelência um espaço de encontro entre sujeitos sociais que são distintos e que se fazem no tempo e no espaço, onde há conflitos e muito ainda a ser desvendado.

Muitos problemas urbanos continuam sem a atenção devida na Amazônia, ao observarmos a dinâmica nas pequenas cidades, verificaremos que alguns destes entraves estão relacionados à infraestrutura, serviços básicos de saúde, crescimento desordenado, surgimento de espaços favelados, o que conseqüentemente, contribui para o surgimento de novos problemas nas áreas sociais e ambientais.

Browder e Godfrey (2006) ressaltam que esta realidade urbana complica a criação e implantação de políticas públicas urbanas mais eficazes e que correspondam às necessidades da população. Os autores destacam que existe uma mediação na vida urbana e esta compreende o campo, a natureza e a cidade, por este motivo a aldeia e sua relação com a cidade está muito longe de ser conhecida em sua totalidade.

A relação cidade e campo se transforma “A cidade expandindo-se adentra-se ao campo modificando o modo de vida dos que ali vivem [...] As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém resistindo-a às vezes, dobrando-se ferozmente sobre si mesmas.” (BROWDER e GODFREY, 2006, p. 74)

As dimensões da produção dos espaços urbanos da Amazônia são exemplos complexos que exigem dos pesquisadores fundamentações rigorosas em suas avaliações e estudos, para que não se cometa o deslize de homogeneizar as cidades na Amazônia ou em um lugar qualquer, pois elas possuem tempos diferenciados e se constroem agregando valores inerentes à sua cultura local o que irá caracterizar suas estratégias nas questões econômica, social e política.

Na obra *Cidades na Selva* de José Aldemir Oliveira (2000), o autor discute a respeito da cidade, chamando a atenção para o olhar para além do aparente, enfatizando que os espaços que são construídos, reproduzem-se no cotidiano de quem o constrói, onde existem vivências na produção deste espaço e do tempo vivido, onde a ênfase maior está nos indivíduos que constroem este espaço. Ainda em Oliveira (2000, p. 20) “Na Amazônia, mas do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz [...]”.

As diferentes formas de acesso dão às cidades o motor diferenciado para sua forma de produção e subsistência. Na Amazônia, muitas cidades têm ligações por vias terrestres ou aéreas, mas é pelos rios que grande parte se comunica e se interliga para os grandes centros urbanos. “O processo de produção do espaço ocorre a partir da ação de todos esses atores e da relação entre si e com a natureza [...]”. (OLIVEIRA, 2000, p.20).



## 5 | IDENTIDADE DE LUGAR: O RIO COMO ESPAÇO DE REFERÊNCIA IDENTITÁRIA

As discussões em torno do tema identidade a colocam como um tema complexo, cujas características se constituem, segundo Mourão e Cavalcante (2011) em um processo dinâmico e multável que acontece ao longo da vida de indivíduo.

Além das características de identidade pessoal, específicos de cada pessoa, há também a referência à identidade social que cada um adquire no decorrer de suas experiências vividas em grupos sociais, que o fazem pertencer a categoria específica como, étnicas, profissionais, de gêneros, entre outras.

O lugar onde o indivíduo nasceu, vive ou viveu torna-se elemento importante, para definição da identidade, o que faz diferença é o significado que cada momento vivido tem para a pessoa, o sentido de pertencimento e conexão no espaço-temporal.

É relevante destacar que na Amazônia, muitas cidades têm ligações por vias terrestres ou aéreas, mas é pelos rios que grande parte se comunica e se interliga para os grandes centros urbanos. Oliveira (2000, p.20) enfatiza que “O processo de produção do espaço ocorre a partir da ação de todos esses atores e da relação entre si e com a natureza [...]”.

Buscar aprofundamento teórico sobre a identidade de lugar é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois nos últimos anos, tem sido muito recorrente a identificação da Amazônia Brasileira como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem, geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento à parte de toda região.

A ideia que se faz das populações amazônicas que vivem às margens dos rios e a força da imagem social construída a partir da figura do ribeirinho é uma personificação típica regional que nos lembra a importância dos rios para a formação de todo um contexto histórico-geográfico-cultural.

O rio surge como elemento importante tecendo e servindo como elo no estabelecimento de relações na vida das pessoas, configurando-se mudanças a partir de um padrão espaço-temporal que implicaram em diferentes modos de produzir e existir.

Compreender as relações de indissociabilidade entre os indivíduos e a floresta na contemporaneidade requer um esforço enorme em buscar também entender a diversidade amazônica e todo processo de construção desde o período de colonização da região.

Por certo temos que a construção das múltiplas identidades traz a identificação, os sentimentos de pertencimento e estranheza vividos no decorrer de nossa existência, são eles que marcam o processo de desenvolvimento da autoidentidade e da identificação no mundo.

Especificamente, em se tratando do estado do Amazonas, a maior parte das cidades, formou-se às margens dos rios, a estrutura, geralmente, possui



características peculiares. A igreja bem a frente, próxima ao porto da cidade, como um símbolo da organização no período de colonização.

Até a década de 1969, as fortes ligações das pequenas cidades com a dinâmica de circulação dos rios, conferiu, segundo Saint Clair (2013) fortes elos com a natureza, com a vida no campo ainda pacata, ligadas às questões rurais e com o “ritmo de floresta” com baixa exploração.

Oliveira (2000, p. 35) de forma poética descreve as cidades situadas às margens dos rios “Assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde escura das mangueiras enormes e das palmeiras majestosas que lhes guarnecem as beiras”.

Isto lembra as diferentes viagens feitas durante experiência no Programa de Formação de Professores / Parfor, pela Universidade Federal do Amazonas, em que alocados nos mais diferentes e longínquos municípios participamos como docente.

A paisagem vista da beira do rio ao aportarmos no Porto de cada cidade, exemplifica detalhes descritos tal qual os apresentados na obra deste autor, que em sensível olhar para além das aparências descreve a vida que pulsa nas cidades “ribeirinhas”.

Notadamente, evidenciam-se espaços produzidos pelos homens amazônidas em um processo de produção em que sua condição humana os conduz a novos modos de vidas. Estes diferem é claro os de outrora em que havia preocupação bem maior em produzir meios próprios para sua própria subsistência.

Diferentemente, podemos dizer que nas pequenas cidades onde o acesso ainda é muito difícil por conta de questões geográficas, alguns modos de vida e produção permanecem arraigados não só em memória, mas latente no cotidiano dos indivíduos.

A relação com os outros ainda é de pertencimento aquele local, de partilha de comunidade, de produção muitas vezes compartilhada, a exemplo “a farinhada de meia”, a pesca no “lanço”, entre outras coisas, que já diferem dos grandes centros urbanos, onde o capital é o nuance das relações.

## 6 | O OLHAR INVESTIGATIVO

Nossas reflexões neste trabalho se deram com base em pesquisa bibliográfica, com suporte teórico selecionado para a disciplina A cidade e o urbano na Amazônia, no Curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas no ano de 2018.

Os objetivos encaminham-se para compreensão da cidade enquanto materialização do processo de trabalho e o urbano como modo de vida, produzidos por meio das necessidades, contradições e aspirações da sociedade, além de buscar analisar os processos de produção da cidade e do urbano no Brasil e na Amazônia, articulando na medida do possível, o estudo específico de cada aluno à compreensão teórica da cidade e do urbano na Amazônia.



Realizamos trabalho de campo nas ruas do centro da cidade de Manaus, registrando tudo, como forma de observarmos e posteriormente, descrevermos os diferentes nuances da vida cotidiana na cidade, relacionarmos as mudanças ocorridas, com base em contextos históricos estudados em diferentes textos, desde o período de colonização até os dias atuais.

## 7 | O ESPAÇO VIVIDO

No trabalho de campo pudemos caminhar pelo centro da cidade Manaus com olhar investigativo do que foi, é e pode se transformar, ao observarmos as medidas adotadas pelo poder público.

Registramos tudo com fotos, filmagens e anotações em caderno de campo, apresentamos abaixo, algumas imagens das visitas em alguns espaços históricos e movimentações do grande centro urbano.

Com estudos teóricos e o trabalho de campo desenvolvido, compilamos ideias que foram elencadas nestes escritos de produção textual e em forma de crônica literária para qual apresento como resultado desta construção teórica.

### **Manaus, a capital das águas...**

“Não supunha, que naquela manhã de sábado, iria vivenciar, momentos memoráveis, dos quais ficariam, com certeza, guardados no primoroso baú de belas lembranças.

A caminhada não é tão simples quando se lança um olhar de curiosidade investigativa, esta que por ora, havia sido instigada por um professor de Universidade Pública, no Curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, um caminhante, visivelmente, apaixonado pela cidade e seus espaços, para ele “ver a cidade é encontrar-se consigo”.

Em uma manhã ensolarada, na majestosa capital das águas, Manaus, cidade banhada pelo Rio Negro. Contemplar, observar, descrever, dialogar com obras estudadas, era parte da missão, por certo tenho, que no fundo mesmo, o primordial era reconhecer o que se tem de maior valor, a história, no tempo e no espaço.

O ponto de partida, a Praça Antonio Bittencourt, esta que em 1942 recebeu o nome de Praça do Congresso devido ao Congresso Eucarístico ali realizado. Nela, o imponente busto de Eduardo Ribeiro que fora implantado em 1995.

As horas passam e de diferentes ângulos vemos o apressar dos passos das pessoas que se dirigem aos seus locais de trabalho, de estudo e de afazeres. Bem, se vê em muitos, o olhar despercebido diante das “coisas” da cidade, a pressa é amiga da sua feição.

Nas ruas, nos cantos, nos muros, nas vielas, o cheiro mal fazejo às nossas narinas ajudam a denegrir a imagem da antiga Belle Epoque. As casas tão ricas de detalhes, deteriorados pelo tempo e pelo abandono, encontram-se infiltradas, em meio, aos emaranhados fios que contrastam com algumas, poucas e frondosas árvores, na “cidade de pedra”.



Oras, por que não lembrar em que contexto se deu a construção deste espaço? O espaço urbano nunca significou um espaço transformado para todos, pois era palco de alguns poucos privilegiados, a população mais pobre estava sempre à margem. Mas se Manaus da época da borracha era a cidade dos poderosos e, agora, nesta época, ela pertence a quem?

Rito de passagem é dar um passeio pela Praça da Saudade ou Praça 5 de setembro, ela foi criada no século XIX, seu espaço tão bonito entra em desarmonia com as pichações, apelidadas por alguns de arte moderna.

Em meio à praça observamos barracas de acampamento, lembrei de uma reportagem sobre este fato, assistida no dia anterior, tratam-se de venezuelanos e colombianos, fazendo do espaço da praça, lugar de sua morada. Dai vem na mente, onde fazem suas necessidades mais básicas? Fica a indagação, como mote para reflexões e questionamentos acerca de como o poder público lida com esta situação.

Quem diria que logo à frente da praça, onde encontra-se a Sede do Rio Negro era um antigo cemitério chamado São José, este fora desativado em 1865, por conta do cólera, bem verdade, que há quem acredite em “visagem”, e, se soubesse deste enredo da história, não se arriscaria a sentar-se nos bancos da praça, altas horas da noite. (risos)

Bom, sigamos em frente pois é longa a caminhada, em meio a buracos e lixos espalhados nas esquinas, observo o professor de forma saudosa, lembrar dos velhos comerciantes, da Casa Dias e destacar o porto próximo às mercearias, o rio teve e tem a sua importância na economia.

Não passa despercebido o transitar dos carros, motos e ônibus lotados com personagens visivelmente com olhar fitados nas coisas e também perdidos nos mais remotos pensamentos.

De repente, um susto...ele se dá conta da falta dos valiosos mármore de lios nos pequenos pedaços de calçadas que ainda restam, poderiam ter sido tirados para a venda, não sei, ocorre que agora, a história terá que ser contada, para que não se apague, ou se perca com o vento.

A capacidade de refletir a tudo é sempre interrompida pelo barulho de alguém que grita e faz propaganda de algo das lojas, informando as promoções e os preços ou pelas agudas e ensurdecedoras buzinas dos carros comandado pelos impacientes que exigem de certa forma uma atenção no trânsito caótico.

Muro de lamentações? Não!!!

Na cidade há também muitos espaços conservados e outros que às duras penas resistem a ordem do tempo, bem lembrar, o imponente pico do Teatro Amazonas, visto de longe, como uma linda obra prima que esconde nos relatos de sua construção o fatídico trabalho daqueles que contribuíram para o monumento que ajudaria no “embelezamento da cidade”.

Creio que com a importância com que tratam os espaços públicos, em breve alguns deles serão parte integrante, apenas de boas lembranças, ou não!



O que fica arraigado em minh'alma por hora é o desalento no olhar de quem tanto conheceu e que por hoje procurou com paixão e não encontrou mais, tudo o que um dia a história contou”.

## 8 | BREVES CONSIDERAÇÕES

Buscar aprofundamento teórico nesta temática é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois nos últimos anos, tem sido muito recorrente a identificação da Amazônia Brasileira como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem, geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento à parte de toda região.

O rio tem sua importância neste contexto histórico, a força da imagem do ribeirão construída no imaginário social mostra sua personificação no enredo histórico, geográfico e cultural da região ele confere um ethos e um ritmo à vida regional.

Compreender as relações de indissociabilidade entre os indivíduos e a floresta na contemporaneidade requer um esforço enorme em buscar também entender a diversidade amazônica e todo processo de construção desde o período de colonização da região.

As ideias são diversas, daí advém a complexidade, o que tem pautado debates políticos e acadêmicos que estão, por certo, longe de atingirem um resultado final, no entanto, os diferentes âmbitos ideológicos, fomentam reflexões e estas podem apontar caminhos mais exequíveis para compreensões mais próximas da realidade.

Acreditamos com os argumentos expostos ter de alguma forma contribuído para o estabelecimento de diálogos mais abertos, em que a compreensão das ideias estejam para além de sentidos metafóricos, pois compreender a Amazônia não é algo tão simples, requer um esforço muito grande do pesquisador.

Isto pressupõe buscar elementos nos arcabouços teórico-histórico-metodológico, nas fundamentações com base no rigor científico ou até mesmo nas potencialidades endógenas assentadas na vida cotidiana das populações urbanas e nas formas como elas articulam-se com o ecossistema no qual são peças inerentes do existir.

Este é o desafio a caminho, em serviço, para qual demos ênfase a querida cidade de Manaus, para qual nos vemos inseridos e imersos em reflexões profundas diante de tanta diversidade e complexidade para resoluções de tantos problemas.

Há um longo caminho a percorrer, somos frutos de nossas escolhas e para as quais, em tempos de “crise”, não há espaço para omissão, comodismo ou papéis coadjuvantes, se queremos mudanças e melhorias, sejamos nós a mudança e, esta começa por aqui, por reflexões e imersões na realidade, pelo sentimento de pátria e acima de tudo, pelo sentimento de **pertencimento**.



## REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha. **A urbe amazônica**: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BROWDER, John O. & GODFREY, Brian J. **Cidades da floresta**: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia Brasileira. Manaus: EDUA, 2006. (Cap. 2). 7ªed.

HARVEY, David - **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 27-66.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LENCIONI, Sandra - **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**. GEO-USP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, 109-123, 2008. [http://www.geo-grafia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo\\_Sandra.pdf](http://www.geo-grafia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf)

SCHOR, Tatiana; OLIVEIRA, José Aldemir de; MORAES, André de Oliveira e SANTANA, Paola Verri de - **Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no Estado do Amazonas, Brasil**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 9, n. 1, p. 09-35, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano no mundo contemporâneo**. REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n. 111, p.09-18, jul./dez. 2006. [http://www.ipardes.gov.br/webasis.docs/rev\\_pr\\_111\\_roberto.pdf](http://www.ipardes.gov.br/webasis.docs/rev_pr_111_roberto.pdf), acesso em 13/01/2013.

OLIVEIRA, José Aldemir – **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000 (Cap. 1).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”**: espaço, ambientes e urbano diversidade na Amazônia Brasileira. Belém: UFPA/NAEA, Papers do NAEA,